

MERCANTILISMO E COLONIZAÇÃO

Maurício Waldman

A diferenciação das áreas sob dominação colonial em *Colônias de Exploração* e de *Povoamento* é fundamental para a compreensão tanto do fenômeno do desenvolvimento quanto do subdesenvolvimento, cujas origens, para muitos países, remontam ao colonialismo mercantilista. Analisemos então estes dois distintos modelos de colonização tal como implantados no continente americano.

AS COLÔNIAS DE EXPLORAÇÃO

Este tipo de colônia foi articulado em todas as áreas da América em que houvesse possibilidade de implantação de uma produção passível de garantir lucro rápido e de vulto para a metrópole. Dentre deste esquema poderíamos considerar as regiões auríferas e argentíferas da América Espanhola (México, Peru e Bolívia) ou produtoras de artigos tropicais como o açúcar (Nordeste Brasileiro e Antilhas).

Nestas regiões, já que o sistema estava associado à demanda dos centros consumidores europeus, classificamos sua economia como dependente. Uma vez que associada ao mercado externo - vale dizer, a Europa - ela também pode ser denominada de complementar ou extrovertida.

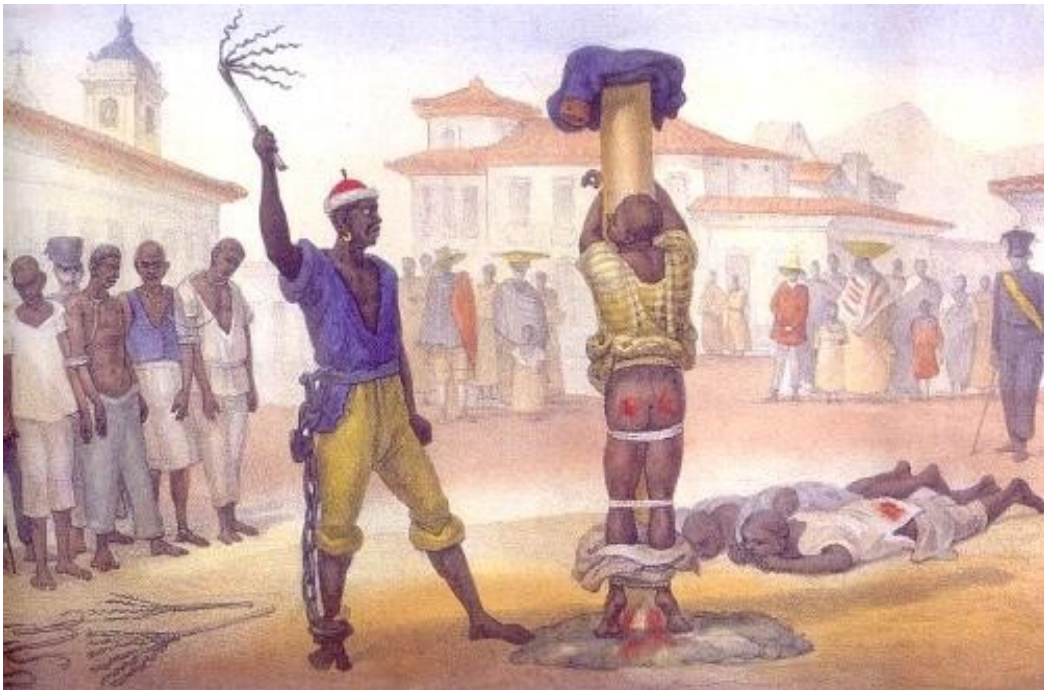
Na medida em que a metrópole procura obter o máximo de lucros das suas colônias, fica claro então que a atividade agrícola deveria obrigatoriamente ter por base a monocultura, pois a burguesia metropolitana centra as suas atenções sobre o produto que momentaneamente oferece altas cotações no mercado (açúcar, algodão, tabaco, etc). A organização da produção nos moldes da grande propriedade de terra - os latifúndios - era também uma garantia da produção em larga escala de mercadorias de grande rentabilidade econômica.

A adoção do trabalho escravo também pode ser explicada pela subordinação da colônia à metrópole. Com o escravismo, ficava garantida a ausência de mercado consumidor na colônia, o que impedia o surgimento de um mercado interno e de uma burguesia concorrente com a burguesia metropolitana. Ademais, o escravismo constituía uma fonte de renda para a burguesia metropolitana, que controlava o tráfico a partir das feitorias instaladas na costa africana.

Temos deste modo o chamado *tripé*: latifúndio, monocultura e trabalho escravo, que constituía quadro típico das colônias de exploração. Com base neste sistema, é possível compreender o tipo de estratificação social, as normas e os valores, as modalidades de imigração e o comportamento político que tomaram forma nas colônias de exploração.

Constituindo sociedades agrupando num extremo uma elite branca de origem europeia e no outro, uma grande massa de escravos (geralmente de origem africana), as colônias de exploração caracterizavam-se pela pequena mobilidade social. O aristocratismo imperava como comportamento social entre os latifundiários, uma vez que os contatos sociais uniam exclusivamente um grande proprietário a outro.

O trabalho manual era estigmatizado como atividade própria dos baixos escalões da sociedade. Portanto, era culturalmente valorizado viver de renda ou do trabalho de terceiros. Esta atitude constituiu, mais tarde, um entrave psicológico na transição para formas de produção tecnicamente mais exigentes, como o industrialismo.



O pelourinho, castigo regularmente aplicado aos escravos no Brasil Colônia (Imagem de Jean Baptiste Debret).

No tocante à questão da cidadania, esta noção era desconhecida nas colônias de exploração. Estas constituíam sociedades de direitos e privilégios, inexistindo o conceito de igualdade jurídica ou de direitos legais extensíveis a toda a população. Mantendo dependência para com a metrópole, a colônia de exploração não desenvolve manifestações nacionalistas, ou então, estas surgem tardiamente. O sentimento de brasilidade, por exemplo, só aparece de modo mais claro no Século XVIII.

Na medida em que a colônia de exploração é implantada com o objetivo exclusivo de gerar lucros, a imigração é realizada na maior parte dos casos por indivíduos isolados, que buscam o enriquecimento rápido. Portanto, o transoceanismo é uma expectativa muito forte, calcado na ausência de relações afetivas com a nova terra, se estabelecendo lentamente e a despeito dos móveis originais do deslocamento demográfico.

A sociedade mestiça que surge no solo americano é resultante de relações informais praticadas em larga escala entre europeus do sexo masculino com uma profusão de mulheres indígenas e negras. Apenas a título excepcional ocorriam casamentos consagrando uniões multirraciais. A suposta “democracia racial” surge na realidade sob o estigma da dominação latifundiária, da opressão cultural e do racismo, um arsenal que reforça mecanismos de exploração das classes dominadas.

Deste modo, tendo por interesse apenas a acumulação, a colônia de exploração dará origem a uma série de sequelas que ainda hoje podem ser constatadas nas nações subdesenvolvidas da América, dentre as quais as que atingem particularmente as populações pobres e excluídas.

AS COLÔNIAS DE POVOAMENTO

Nas regiões setentrionais das chamadas “Treze Colônias” inglesas da América do Norte, no Canadá e mais tarde, na Austrália e na Nova Zelândia, surgiram as chamadas colônias de povoamento, que viriam desempenhar papel fundamental para o posterior surgimento de nações consideradas desenvolvidas. Sem nenhuma exceção, estas regiões integram hoje em dia o grupo dos países centrais do mundo capitalista. O que explicaria o surgimento deste “segundo tipo” de colônia?

Adotando a região setentrional das Treze Colônias como referência, o primeiro ponto merecedor de reflexão seria o fato de que neste território a Inglaterra pouco poderia explorar para garantir sua pujança econômica ou acumulação de capital. Este território não possuía metais preciosos e, além disso, suas condições climáticas eram muito semelhantes às da Inglaterra. Isto equivale considerar que não seria possível articular um sistema agrícola produtor de gêneros tropicais altamente rentáveis.

Deste modo, a Nova Inglaterra foi alvo de uma “negligência” que terminou sendo altamente salutar para os futuros americanos, pois na prática, o pacto colonial foi implantado de modo muito precário nesta região. Devido este relativo desligamento para com a metrópole, surge uma economia autônoma, com vida própria, não associada com os interesses metropolitanos. Uma vez que a Inglaterra não implantou sistema de produção voltado para seu enriquecimento, nem o latifúndio, nem a monocultura e

tampouco o trabalho escravo encontraram condições propícias para serem plenamente implantados.

Assim, disseminou-se o trabalho assalariado, gerando um mercado consumidor e uma economia introvertida, ou seja, desligada dos interesses europeus. A agricultura, ao contrário das colônias de exploração, não é padronizada e antes, configura-se numa policultura com base no trabalho agrícola familiar. A unidade de produção é geralmente a pequena propriedade, sendo muito facilitado o acesso à propriedade da terra.



Em cinza, estão as 13 Colônias, estendendo-se pela fachada atlântica da América do Norte chegando até os Montes Apalaches, a Oeste. Os territórios da França (em amarelo) e da Espanha (em verde), circundam os estabelecimentos ingleses.

Na medida em que o acesso a terra é facultado a todos e as possibilidades econômicas estão abertas, ao menos em princípio, a todos os indivíduos, surge uma sociedade mais "democrática", dotada de certa mobilidade social. Quase não ocorre a imigração de indivíduos isolados e a ocupação do território foi realizada por grupos familiares com

haveres e algum conhecimento técnico e cultural. Este foi o conhecido caso dos puritanos, responsáveis pela colonização da Nova Inglaterra.

Com base nestas premissas, a integração dos imigrantes com a sociedade local é imediata. O imigrante radica-se com sua família com a intenção de permanecer e não de retornar. Não ocorre o fenômeno do transoceanismo. A pretensão de construir uma nova pátria era indissociável do ideário dos colonos americanos, desdobrando-se, pois num nacionalismo precoce que ensaia suas manifestações já nos primeiros momentos da sua história.



A chegada dos colonos puritanos é uma das mais festejadas alegorias da história norte-americana

Uma vez que a intenção é permanecer e não existem preconceitos ou objeções ao trabalho manual, o esforço, a dedicação e a acumulação passam a ser normas de conduta, determinando o surgimento de uma sociedade aberta, aspirando à autodeterminação política, preocupada em cortar os frágeis laços que a estão unindo com a Inglaterra.

Não deve, pois, ser fator de assombro a independência precoce dos EUA, ocorrida em 1776, e tampouco a sua pujança econômica. No momento da independência, 1/3 da frota inglesa era na realidade formada por barcos americanos que navegavam sob bandeira britânica. A nascente burguesia americana, concentrada nos portos do litoral (como Boston e Nova York), teve destacado papel no processo de autodeterminação e

na quebra dos vínculos coloniais, ao passo que nas colônias de exploração, uma aristocracia rural foi quem deteve o comando deste processo.

O SUBDESENVOLVIMENTO É UM PROCESSO HISTÓRICO E NÃO RACIAL

Com base nestes pressupostos, caberia advertir que o subdesenvolvimento brasileiro não é propriamente de responsabilidade dos portugueses, mas antes do modelo de colonização aqui implantado. Recorde-se que no passado, diversas colônias inglesas constituíram colônias de exploração. Todas são na atualidade países subdesenvolvidos. Este é o caso da Jamaica e inúmeros outros países insulares da América Central.

Assinale-se que os holandeses - frequentemente cortejados e eleitos como uma espécie de colonizadores “mais adiantados” - não deixaram nenhuma economia desenvolvida em qualquer um dos territórios que estiveram sob seu domínio colonial: o Suriname, a Indonésia e as Antilhas Holandesas constituem todos, sem exceção, países subdesenvolvidos.

Portanto, não há como pretender que o Brasil seria um país desenvolvido na hipótese de que outro povo o tivesse colonizado. A peça fundamental reside acima de tudo no modelo de colonização implantado e somente alterando-se este dado é que se poderia pressupor uma outra evolução sócio-econômica.

Deste modo, caso os holandeses mantivessem o Nordeste sob seu domínio, poderiam deixar um legado de realizações compatível com uma formação capitalista mais desenvolvida do que a portuguesa. Mas nunca uma economia desenvolvida tal como assim consideramos nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOWBOR, Ladislau, 1981, *A Formação do Terceiro Mundo*, Coleção Tudo é História n ° 35, Editora Brasiliense, São Paulo, SP;

FALCON, Francisco, 1981, *Mercantilismo e Transição*, Brasiliense, São Paulo, SP;

KINDER, Hermann e HILGEMANN, Werner, *Atlas Histórico Mundial*, 1975, Colección Fundamentos, Ediciones Istmo, Madri, Espanha;

NOVAIS, Fernando, 1978, *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial*, Cadernos CEBRAP, n ° 17, 4 ° edição, Editora Brasiliense, São Paulo, SP;

LACOSTE, Yves, 1978, *Geografia do Subdesenvolvimento*, DIFEL, São Paulo e Rio de Janeiro, SP e RJ;

Guia do Terceiro Mundo, 1981, Editora Terceiro Mundo, Rio de Janeiro, RJ.

AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU REPRODUÇÃO DESTE TEXTO DESDE QUE INDICADA MENÇÃO BIBLIOGRÁFICA:

WALDMAN, Maurício, *Mercantilismo e Colonização*, in História para o Ensino Fundamental, material didático elaborado para a Escola de Ensino Supletivo Papi, São Paulo, SP, 1981.

PUBLICAÇÕES DO MESMO AUTOR

LIXO: CENÁRIOS E DESAFIOS, CORTEZ EDITORA, 2010

Saiba mais: <http://www.lojacortezeditora.com.br/lixo.html>

MEMÓRIA D'ÁFRICA - TEMÁTICA AFRICANA EM SALA DE AULA, CORTEZ EDITORA, 2007

Saiba mais: <http://www.lojacortezeditora.com.br/memoria-africa.html>

MEIO AMBIENTE & ANTROPOLOGIA, EDITORA SENAC, 2006

Saiba mais: http://books.google.com.br/books/p/senac?id=z4ns-luC4LwC&dq=Meio+ambiente+%26+antropologia&hl=pt-br&source=gbs_summary_s&cad=0

MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia English: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>